

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

CHINA / HONG KONG

Três perguntas a Chan Ka Wai, director da Labour Action China, de Hong Kong

Três activistas condenados a penas de prisão no dia 2 de Dezembro e oito prisões no dia 8 de Dezembro. Que te parece a situação em Hong Kong?

Em primeiro lugar, as duas coisas estão ligadas uma à outra. O governo chinês pretende debelar as forças da resistência em Hong Kong pela controversa portaria de ordem pública. Esta já quase tinha deixado de ser usada, mas passou a ser pesadamente usada para restringir direitos civis e reprimir activistas. Além de ser uma maneira de impedir os activistas de participarem nas eleições para o Conselho Legislativo do ano que vem, dado que a maioria deles tem cadastro penal com mais de três meses de prisão.

Este ataque feroz às forças da resistência em Hong Kong vai dar azo a uma situação de relativo silêncio, mas vai também acumular a fúria na sociedade, especialmente na jovem geração. Tanto o governo chinês como o de Hong Kong andam preocupadíssimos com a rebelião da juventude. A única coisa que para já podem fazer é reprimir o movimento. Só que a repressão vai acabar por dar em rebeliões e protestos. Protestos sangrentos e repressão sangrenta vão vir a par e passo.

A direcção da Cathay Airways deixou de aceitar a negociação colectiva. O sindicato do pessoal de bordo, o FAU, apelou à solidariedade.

A pandemia atingiu adversamente a economia de Hong Kong (no seu todo). É verdade que a indústria aérea está a ser duramente atacada. Mas o capital também aproveita a oportunidade para se desfazer de sindicalistas. Além de que a maior parte dos sindicalistas está contra a Lei da Extradicação e contra a repressão brutal pelo governo e pela polícia. Portanto, o governo está a hostilizar o movimento sindical. Por exemplo o descrédito que a chefe do governo lançou sobre os médicos que participaram na greve de Fevereiro deste ano. A chefe do governo chegou a pedir publicamente à Direcção dos Hospitais, que é a entidade patronal de todos os médicos dos hospitais e clínicas

públicos, que vitimizasse o pessoal médico que aderiu à greve.

A comunidade internacional devia elevar a voz em apoio ao novo movimento sindical, assim como ao movimento social de Hong Kong. A Organização Internacional do Trabalho poderá tomar a iniciativa de investigar a repressão dos sindicatos, que viola os dois princípios cardinais, a liberdade de associação e o direito de negociação colectiva.

Como está a situação do desemprego no continente?

Segundo as estatísticas do governo, o desemprego na China terá recuado constantemente na segunda metade de 2020. Em Outubro de 2020, a taxa de desemprego era de 5,3%. Há muita gente que acha que este número subestima a realidade. E então as regalias dos trabalhadores, e a situação exacta do desemprego nos diferentes grupos etários? As estatísticas do governo nada dizem das duas.

O desemprego jovem na China é gravíssimo. Há informações de que a taxa de desemprego na faixa etária dos 20 aos 24 anos chegou a 19% em Junho de 2020 e se agravou em Agosto. A diminuição da taxa de desemprego pode ser resultado do constante declínio da força de trabalho na China. Outro problema é que há mais trabalhadores a passarem a trabalhadores informais por causa da mudança da estrutura económica, por exemplo o rápido crescimento dos trabalhadores da distribuição. Só que não está claro qual é a protecção social e a segurança social a que eles têm direito. E eles tão-pouco sabem se são empregados das empresas de distribuição em que trabalham.

Mais: há estudos que cobrem várias partes da China que indicam que mais de 50% dos trabalhadores investigados declaravam ter passado a ter um rendimento mais baixo desde que começaram a trabalhar. E 30% declararam ter sofrido um aumento da carga laboral. Menos salário por mais trabalho é um problema grave dos trabalhadores chineses hoje. Não estão no desemprego, mas são muito explorados. ■